

## Dinossauro: Apelido? Brinquedo? Animal? Uma análise argumentativa

---

letrônica

---

Ângela Inês Klein<sup>1</sup>

### 1 Introdução

Este estudo tem por objetivo analisar os diferentes sentidos que a palavra *dinossauro* pode assumir. Para tanto, toma como pressupostos teóricos os da Semântica Argumentativa, a partir de alguns conceitos da terceira fase da teoria - a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel. Evidenciam-se na análise dos enunciados extraídos de redações de alunos, que se encontram nos anexos deste estudo, os aspectos normativos e transgressivos, além da argumentação interna e externa. A questão central é: Qual é a argumentação interna na palavra *dinossauro*?

A Teoria da Argumentação na Língua pressupõe que não são as coisas ou os fatos que argumentam, mas a língua, porque a argumentação está inscrita na própria língua. Como afirma Ducrot:

O sentido de um enunciado é tornar possível um discurso argumentativo: as coisas aparecem nele não mais do que como um suporte, ou a ocasião de nossas argumentações (...) Falar é construir e impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade. (Ducrot, 1998, p. 14)

Dessa maneira, percebe-se que o locutor se marca no enunciado, em relação ao que diz e em relação a outros discursos, e assim se dirige a seu interlocutor.

A definição do tema e a escolha da teoria foram motivadas pelos resultados obtidos em redações, nas quais os alunos deveriam escrever livremente, tendo como base da seguinte frase: "Quando chegou em casa, o dinossauro ainda estava lá".

---

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Linguística Aplicada da PUCRS. Bolsista CNPq. E-mail: klein-a@bol.com.br

Lendo os textos, notou-se que ocorreram dois fenômenos distintos: primeiro, muitas redações traziam o *dinossauro* como um animal apavorante; segundo, a palavra *dinossauro* recebeu diferentes sentidos, entre eles um brincado e um apelido. Então, nota-se que há subjetividade no emprego da palavra *dinossauro*.

Apresentam-se a seguir a base teórica do estudo e a análise de quatro trechos retirados das redações dos alunos.

## 2 Fundamentação teórica

A Teoria da Argumentação na Língua (T.A.L), criada por Oswald Ducrot juntamente com Jean-Claude Anscombre, é uma teoria de base estruturalista e ao mesmo tempo enunciativa. É estruturalista quando fundamenta-se nas noções de língua/ fala e de relação e é ao mesmo tempo enunciativa ao estudar a língua em uso.

Segundo Ryppl (2006), para Ducrot há dois princípios saussurianos relevantes para a TAL. O primeiro é que a língua é um sistema de signos, os quais se definem uns em relação aos outros, isto é, uma unidade em relação às outras unidades. Da mesma maneira, Ducrot define a língua como um conjunto de frases, cujo sentido advém da combinação com outras frases, formando assim o que ele chama de encadeamento argumentativo. Portanto, se for tomado como estudo o conjunto de enunciados de uma língua, cada um deles define-se, do ponto de vista semântico, a partir das suas relações com os outros enunciados em discursos reais.

O segundo princípio saussuriano fundamental para a TAL é o da relação língua/fala. Pela interpretação que Ducrot faz dos conceitos estabelecidos por Saussure, há na teoria estruturalista da linguagem uma distinção entre objeto e matéria lingüística. A fala é a matéria, que é o dado empírico, constituído de fatos fisiológicos, psíquicos, sociológicos, instituídos por uma coletividade que, pela sua diversidade, torna-se impossível de ser estudada cientificamente. Por essa razão, Saussure opta por estudar o objeto abstrato, definido por ele como sendo a língua, um construto teórico. A língua é conceituada por ele como aspecto social, passivo da linguagem, um conjunto de convenções, enquanto a fala é o aspecto individual, ativo.

Ao explicar essa noção de que a fala é um ato individual, Ducrot afirma que o falante atribui à sua enunciação um valor próprio, mas há uma causalidade social (da relação eu/tu) que justifica parcialmente o valor que é dado ao enunciado.

Ao longo de seu trabalho, Ducrot vem questionando e reformulando sua teoria que apresenta três fases: a Teoria Standard, a Segunda Forma (composta pela Teoria dos Topoi e pela Teoria da Polifonia) e, mais recentemente, com Marion Carel, a Teoria dos Blocos Semânticos.

Em 1992, Marion Carel, em sua tese de doutorado, orientada por Ducrot, contesta a segunda fase da TAL, em que Ducrot utiliza a noção de Topos. O Topos é considerado um elemento que permite a passagem do argumento (A) para a conclusão (C), estabelecendo que a argumentação no discurso depende, além dos enunciados formados por A e C, de princípios para relacionar ambos os segmentos.

Carel introduz novos conceitos em relação aos encadeamentos. Ela passa a considerar os segmentos interdependentes, ou seja, eles são vistos como uma unidade, com um único sentido. Por isso, constituem um Bloco Semântico.

Na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) há uma dependência semântica entre os segmentos que constituem um encadeamento argumentativo. Os encadeamentos podem ser unidos por um conector *donc* (DT) ou *pourtant* (PT), o que forma um bloco semântico constituído por um aspecto normativo ou transgressivo, embora ambos partilhem do mesmo princípio. Observe os quadros abaixo:

Bloco Semântico:

Encadeamento [ 1º segmento **DC** 2º segmento] (aspecto **normativo**)

Encadeamento [ 1º segmento **PT** neg- 2º segmento] (aspecto **transgressivo**)

Mesmo princípio, portanto, mesmo bloco

Bloco Semântico:

Encadeamento [ Depara-se com um enorme dinossauro **DC** fica apavorado] (aspecto **normativo**)

Encadeamento [Depara-se com um enorme dinossauro **PT** não fica apavorado] (aspecto **transgressivo**)

Mesmo princípio: O pavor causado pelo dinossauro. (bloco)

Segundo Ducrot (2002), um aspecto do Bloco Semântico pode ser ligado a uma entidade X de modo interno ou externo. Um aspecto é externo se a entidade é um segmento do aspecto. Se a entidade é o primeiro segmento, o aspecto lhe é relacionado de modo externo à direita. Se a entidade é o segundo segmento, trata-se do aspecto externo à esquerda. O aspecto compreende discursos em que são assinaladas as causas ou as conseqüências da entidade, conforme esta esteja à direita ou à esquerda. A argumentação externa é assim *a*

*pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que lhe são ligados de modo externo* (Ducrot, 2002). A argumentação externa (AE) à direita contém um aspecto *X con Y* e também seu aspecto converso: *X con' neg-Y*. Se o conector for *donc*, o con' será *pourtant*, e vice-versa. Tratando-se da argumentação externa à esquerda tem-se *Y con X*, cujo aspecto, chamado transposto, é *neg-Y con' X*.

A argumentação interna (AI) ao enunciado é entendida por Carel (2002, p. 29) como argumentações condensadas no próprio interior dos enunciados simples.

O que fazem os encadeamentos argumentativos – sejam em *portanto* ou em *mesmo assim* – é simplesmente desenvolver, sob diversos aspectos, as formas de representação já cristalizadas nas palavras, as quais não podem aparecer conformadas à natureza das coisas, porque elas servem justamente para categorizar e pensar as coisas. (Carel, 1997, p. 39)

A argumentação interna (AI) é constituída pelos encadeamentos que parafraseiam a entidade. A AI, por ser uma reformulação, não é um segmento de um encadeamento.

A partir dessa base teórica, objetiva-se fazer a análise de 4 discursos. No próximo capítulo apresenta-se a metodologia e, em seguida, as análises.

### 3 Metodologia

O corpus em investigação é constituído de trechos retirados de 4 redações de alunos de 16 a 17 anos, residentes em Porto Alegre, que frequentam o 3º Ano do Ensino Médio.

Em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, a professora apresentou a 28 alunos o seguinte enunciado "Quando chegou em casa, o dinossauro ainda estava lá"<sup>2</sup>. Em seguida, ela solicitou-lhes a seguinte tarefa: "Com base no fragmento acima, desenvolva seu texto. Use sua imaginação e sinta-se em território livre de criação."

Foram selecionadas duas redações que continham como enredo o aparecimento repentino de um dinossauro na atualidade. Elas se opõem, porque enquanto uma tem como enredo o aparecimento de um dinossauro, e conseqüente apavoramento e fuga, a outra redação traz como um aspecto converso espantar-se ao ver um dinossauro, mas não ter medo e por isso aproximar-se.

Em seguida, foram analisadas mais duas redações que dão um outro sentido à palavra dinossauro. Em uma é um presente de aniversário e em outra é um apelido de um professor.

Todos os trechos selecionados têm como base de análise a Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot. Observando os diferentes momentos e situações em que a palavra

---

<sup>2</sup> Esse trecho foi dado a alunos para serem desenvolvidas narrativas por ocasião de um seminário de Criação Literária ministrado por Charles Kiefer na Universidade do Vale do Rio Taquari (Univates) em 2003.

dinossauro foi empregada, objetiva-se verificar qual a sua argumentação interna. A argumentação interna é entendida por Carel (2002) como argumentações condensadas no próprio interior dos enunciados simples. Para uma análise detalhada, utiliza-se a Teoria dos Blocos Semânticos de Marion Carel.

Pela Teoria dos Blocos Semânticos, todo encadeamento contém aspectos como os recíprocos (positivo e negativo) e os conversos (normativo e transgressivo). No primeiro caso, são aspectos do tipo A CON (DC ou PT) B e neg-A CON (DC ou PT) neg-B. Assim, ao atualizar determinados elementos lingüísticos no discurso, o locutor apresenta argumentações.

A seguir são desenvolvidas as análises.

#### 4 Análise e aplicação da teoria

Apresentam-se a seguir análises de 4 discursos:

Discurso 1

“Num belo dia de sol e calor, um senhor resolve ir ao zoológico quando chegando lá se depara com um enorme dinossauro. Apavorado e com muito medo do dinossauro, o velho resolve ir embora.”

EA<sub>1</sub>: S<sup>1</sup>) Depara-se com um enorme dinossauro  
DC  
S<sup>2</sup>) Fica apavorado.

#### ENCADEAMENTO ARGUMENTATIVO

Normativo: deparar-se com dinossauro DC ficar apavorado.  
Transgressivo: deparar-se com dinossauro PT não ficar apavorado.

#### AI do ENUNCIADO

Ver dinossauro DC ficar apavorado

#### BS<sub>1</sub>

O pavor causado pelo dinossauro.

EA<sub>2</sub>: S<sup>1</sup>) Apavorado e com muito medo do dinossauro  
DC  
S<sup>2</sup>) o velho resolveu ir embora

ENCADEAMENTO ARGUMENTATIVO  
Normativo: ficar apavorado DC ir embora  
Transgressivo: ficar apavorado PT não ir embora

AI do ENUNCIADO  
Ficar apavorado DC ir embora (fugir)

BS<sub>2</sub>  
O pavor provoca fuga.

O trecho do discurso aqui destacado dá ênfase ao seguinte: Quando se encontra um dinossauro, fica-se apavorado e portanto quer-se fugir. Diante disso, pode-se construir o seguinte encadeamento: Ver dinossauro DC ficar com medo DC ir embora (fugir).<sup>3</sup>

Analisa-se a partir dos dois primeiros segmentos argumentativos que formam o encadeamento 1 do BS<sup>1</sup>: (1) *deparar-se com um enorme dinossauro*; (2) *portanto, ficar apavorado*.

Para construir sentido, recorreu-se à noção de argumentação externa (AE) ao léxico para mostrar o aspecto normativo em DC: *deparar-se com um dinossauro DC ficar apavorado* forma um encadeamento com o aspecto transgressivo: *depara-ser com um dinossauro PT não ficar apavorado*. Há uma interdependência semântica criada entre os segmentos. O medo pode ser decorrente de ter sido visto um dinossauro. Ambos os segmentos se constituem simultaneamente, pois um bloco é expresso pelo encadeamento.

Levando em consideração que a argumentação está na língua, destaca-se a argumentação do aspecto normativo em DC, que está na palavra *apavorado* encontrada no enunciado que compõe o BS<sup>1</sup>. Repare que essa palavra é de cunho negativo. Segundo Ducrot (2002), a regra da negação nos leva a definir a argumentação externa (AE) do seguinte modo:

Se X (afirmativo) tem por AE: X Con (conector) Y

Então neg X (negativo) tem por AE: neg X Con (mesmo conector) neg Y

Desta forma:

Deparar-se com um enorme dinossauro DC ficar apavorado, então *neg* se deparar com um enorme dinossauro DC *neg* ficar apavorado (normativo).

<sup>3</sup> É necessário esclarecer que o aluno empregou de forma errônea a expressão ir embora. O mais adequado nesse contexto seria utilizar a palavra fugir.

A partir desse bloco, percebe-se o valor que os signos *dinossauro* e *apavorar* possuem. Um determina o sentido do outro, uma vez que são signos interdependentes semanticamente. Não se trata de um dinossauro de brinquedo, mas de um que foi encontrado vivo na atualidade.

Conforme Carel (1997), a interdependência entre um segmento e outro é o que realmente faz com que o encadeamento seja argumentativo. A teoria dos blocos semânticos traz a possibilidade de descrições lexicais, apresentando meios de construir e de justificar essas descrições.

Pode-se observar também o valor argumentativo pela descrição da argumentação interna (AI). Verifica-se no enunciado o seguinte bloco semântico: deparar-se com um enorme dinossauro DC ficar apavorado. Vê-se que os encadeamentos estão ligados pelo conector *donc*, revelando o aspecto normativo desse encadeamento. Tomando-se o léxico *dinossauro* e observando-se a sua AI, pode-se constatar a seguinte construção: animal pré-histórico *donc* grande susto. Tendo isso em foco, nota-se a interdependência semântica entre pavor e dinossauro.

O segundo enunciado (encadeamento argumentativo) do discurso apresenta: *Apavorado com o dinossauro, o velho resolve ir embora*. Diante desse enunciado, pode-se construir o seguinte bloco semântico: o pavor provoca fuga. O encadeamento resultante dos segmentos que compõem esse enunciado seria: *ficar apavorado DC ir embora* (aspecto normativo). Sempre que se tem pavor de algo, é normal querer se distanciar daquilo, aqui no caso, do dinossauro, o que revela uma dependência semântica também nesse segundo EA. A transgressão dessa argumentação seria *ficar apavorado PT não ir embora*.

## Discurso 2

Quando chegou, o dinossauro ainda estava lá, era uma espécie pequena, parecia estar amedrontado devido à presença de humanos. Ao se deparar com aquela criatura, meu amigo quase não acreditou no que ‘seus olhos estavam vendo’. Como era possível?! Apesar do espanto, não teve medo do animal. A primeira atitude que tomou foi se aproximar dele.”

EA<sub>3</sub>: S<sup>1</sup>) Surpreendeu-se.  
PT  
S<sup>2</sup>) não teve medo do animal.

ENCADEAMENTO ARGUMENTATIVO

Transgressivo: surpreender-se PT não ter medo do animal (dinossauro)

Normativo: surpreender-se DC ter medo do animal (dinossauro)

AI do ENUNCIADO

Surpreender-se PT não ter medo do animal (dinossauro)

BS<sub>3</sub>

A surpresa provoca medo.

EA<sub>4</sub>: S<sup>1</sup>) Não ter medo do animal  
DC  
S<sup>2</sup>) aproximar-se dele

ENCADEAMENTO ARGUMENTATIVO

Normativo: não ter medo do animal DC aproximar-se dele.

Transgressivo: não ter medo do animal PT não se aproximar dele

AI do ENUNCIADO

Não ter medo do animal (dinossauro) DC aproximar-se dele.

BS<sub>4</sub>

Como não há medo, há aproximação.

A fim de reforçar a interdependência semântica apresentada anteriormente entre os encadeamentos: ver um dinossauro DC ficar apavorado DC fugir, formando o seguinte bloco semântico: *deparar-se com um dinossauro provoca pavor e como consequência fuga*, apresenta-se este terceiro enunciado argumentativo.

Observe o enunciado argumentativo: *Surpreender-se PT não ter medo do animal*. Tomando *surpresa* como uma palavra que exprime um sentimento intenso, aproxima-se do significado de pavor. Então, é um aspecto transgressivo: surpreender-se com um dinossauro PT não ter medo. Assim percebe-se que há uma quebra da norma quanto à surpresa, pois quando ocorre uma surpresa, que intimida a pessoa pela periculosidade, espera-se como consequência uma reação adversa. O mais esperado nessa situação seria o encadeamento



normativo: *surpreender-se DC ter medo do animal*. Para confirmar o aspecto normativo, cita-se Ducrot:

Sente-se que o discurso que dá a uma palavra a continuação normativa presente na sua argumentação externa, atribui a essa palavra seu pleno valor, e que a continuação transgressiva, ao contrário, retira-lhe uma parte de sua força. (Ducrot, 1967, p. 23)

No entanto, nesta situação o locutor optou por dar uma argumentação interna diferente à palavra surpresa, ela nem sempre precisa ser de cunho negativo. Assim chega-se ao bloco semântico desse encadeamento: *A surpresa não provoca sempre medo*.

E como se percebe pela argumentação na seqüência do discurso, o personagem não teve medo do dinossauro. Por isso, decidiu aproximar-se dele: *Não ter medo do animal DC aproximar-se dele*. Esse é o aspecto normativo. A argumentação interna de *medo* implica um sentimento de grande inquietação, desta forma espera-se que o personagem queira evitar esse sentimento. Então o mais natural seria afastar-se do dinossauro. Como prova dessa argumentação, apresenta-se o aspecto transgressivo: *ter medo do animal PT aproximar-se dele*. Em outras palavras, a argumentação externa ao enunciado da palavra aproximar-se contém ao mesmo tempo “medo DC aproximar-se” e “não medo PT aproximar-se”. Segundo Ducrot (2002), chama-se AE de uma entidade a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que estão ligados a ela de modo externo. (n.129, p.9). Chega-se então ao bloco semântico desse quarto encadeamento argumentativo: *Como não há medo, há aproximação*.

### Discurso 3

“Aniversário de Gabriel, ele fazia 10 anos, estava muito feliz, comemorava, tinha ganhado o presente que tanto quis, um dinossauro enorme.”

EA<sub>5</sub>: S<sup>1</sup>) Ganhar um presente (dinossauro de brinquedo)  
DC  
S<sup>2</sup>) Ficar feliz.

ENCADEAMENTO ARGUMENTATIVO  
Normativo: Ganhar um presente DC ficar feliz  
Transgressivo: Ganhar um presente PT não ficar feliz

AI do ENUNCIADO  
Ganhar um presente DC ficar feliz

BS<sub>5</sub>  
Um presente traz felicidade

O terceiro discurso traz a palavra dinossauro, assim como os anteriores, mas aqui a argumentação interna muda completamente. O dinossauro é um brinquedo muito desejado. Veja: *Gabriel... comemorava, estava muito feliz, tinha ganhado o presente que tanto quis, um dinossauro enorme*. Assim tem-se o encadeamento argumentativo: *Ganhar um presente (dinossauro de brinquedo) DC ficar feliz*. O léxico *dinossauro* traz uma subjetividade. Nos discursos anteriores, referia-se a um animal que provocava pavor, por isso encadeava uma argumentação, do ponto de vista semântico, de sensação desagradável. Já no presente discurso, ocorre exatamente o contrário. O dinossauro provoca uma grande felicidade no aniversariante Gabriel, lembrando que só recebe presentes quem é bem querido e amado, e esse sentimento é demonstrado no momento de receber um presente. Tem-se, então, o aspecto normativo: *Ganhar um presente DC ficar feliz*. Seria totalmente converso *ganhar um presente PT não ficar feliz* (transgressivo). A não ser se fosse um presente não desejado e se esperasse receber uma outra coisa, talvez uma viagem, por exemplo. O bloco semântico desse encadeamento argumentativo *é um presente traz felicidade*.

#### Discurso 4

“O Rogério estava lá, falando de uma certa câmara fotográfica, que ele teve quando moço. É sempre assim, ele sempre fala de como era a vida antes, os objetos que eram utilizados, as relíquias. Rogério é considerado um ‘dinossauro’, Ed considera-o um mestre.”

EA<sub>6</sub>: S<sup>1</sup>) Rogério é considerado um dinossauro (velho com conhecimento)  
PT  
S<sup>2</sup>) Ed considera Rogério um mestre (moderno com conhecimento).

ENCADEAMENTO ARGUMENTATIVO

Transgressivo: Ser considerado um velho com conhecimento PT ser moderno.  
Normativo: Ser considerado um velho com conhecimento DC não ser moderno.

AI do ENUNCIADO

Ser considerado um velho com conhecimento PT ser moderno.

BS<sub>6</sub>

Quem é dinossauro não é mestre.

Neste quarto discurso, tem-se mais um exemplo da subjetividade do locutor ao empregar *dinossauro*. No presente enunciado, *dinossauro* denota um apelido de uma pessoa velha com grandes conhecimentos. Observe o EA: *Rogério é considerado um dinossauro (velho com conhecimento) PT Ed considera Rogério um mestre (moderno com conhecimento)*. Embora Rogério seja considerado um dinossauro por muitos, Ed considera-no um mestre. Ser um mestre significa alguém que ensine outros, por outro lado, é um dinossauro aquele que simplesmente domina muitos assuntos sobre os quais consegue falar livremente. Lendo o aspecto transgressivo: *Ser considerado um velho com conhecimento PT ser moderno*, torna-se transparente a conceituação simultânea que Rogério recebe, contudo de pessoas diferentes, ora de Ed, ora da população em geral.

É interessante observar como o conceito de *mestre* exclui o de *dinossauro*, e vice-versa. No aspecto normativo *Ser considerado um velho com conhecimento DC não ser moderno*, subentendendo-se que um velho com conhecimento refere-se a dinossauro enquanto que ser moderno significa ser um mestre, percebe-se essa opção de conceituação que as pessoas precisam fazer em relação a Rogério, ou seja, ou ele é velho com conhecimento e não moderno, ou ele é moderno com conhecimento e jovem. Desta forma, chega-se ao BS<sub>6</sub>: *Quem é dinossauro não é mestre*.

Ao concluir esta última análise, nota-se que é o uso da palavra *dinossauro* que define o sentido. O sentido apelido, animal ou presente apenas foi construído no uso do locutor com o

interlocutor, isto é, quando o leitor teve contato com o texto e recriou o sentido que o escritor quis elucidar.

## 5 Conclusão

Ao realizar as análises, verificou-se que a argumentação presente nos encadeamentos dos enunciados está bem marcada pelos conectores *donc* e *pourtant* que dão sentido ao discurso complexo, pelas conexões semânticas produzidas em suas AI e AE. Isso acontece, porque os segmentos argumentativos, os encadeamentos e, conseqüentemente, os blocos semânticos são interdependentes na relação de sentido que estabelecem entre si.

Neste estudo, a TAL comprovou seus postulados de que a argumentação se faz presente na linguagem e sua principal função é argumentar. Pode-se observar isso na maneira subjetiva em que os alunos empregaram a palavra *dinossauro*. Em dois discursos analisados, *dinossauro* é sinônimo de medo e, como conseqüência desse sentimento, há fuga. No terceiro discurso, o *dinossauro* é um brinquedo recebido por ocasião de um aniversário. Já no último discurso apresentado nesse trabalho, o *dinossauro* é um apelido dado a uma pessoa que tem grandes conhecimentos. Mesmo a palavra tendo um sentido tão diferente em cada contexto, sempre há compreensão por parte do leitor. Isso ocorre, porque *dinossauro* contém uma argumentação interna individualizada, mudando de discurso para discurso.

Com base nos discursos analisados no capítulo anterior, corrobora-se a teoria de Ducrot de que a linguagem não representa o mundo, mas é o locutor que coloca no discurso aquilo que ele pensa do mundo.

## Referências

BARBISAN, Leci Borges. *Um sentido do adjetivo no discurso*. In: BARBISAN, Leci Borges (org.). *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*. Vol. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CAREL, Marion. *L'argumentation dans lê discours: argumenter n'est pás justifier*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 32, n.1, p. 23-40, março 1997.

CAREL, Marion. *Argumentação interna aos enunciados*. *Letras de Hoje*: EDIPUCRS, v. 37, n.3, p. 27-43, setembro 2002.

DUCROT, Oswald. *Os internalisadores*. *Letras de Hoje*. EDIPUCRS, n.129, set.2002, p.7-26.

DUCROT, Oswald. *Los modificadores desrealizantes*. *Signo y Señã*, n.9. Buenos Aires , jun. 1998.

FREITAS, Ernani Cesar de. *A Teoria da Argumentação na Língua: blocos semânticos e a descrição do sentido no discurso*. In: BARBISAN, Leci Borges (org.). *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*. Vol. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

OLIONI, Raymundo da Costa. *Os modificadores na argumentação do locutor*. In: BARBISAN, Leci Borges (org.). *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*. Vol. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

RYPL, Mariana Martinez. *A construção de sentido pela substituição lexical no discurso*. In: BARBISAN, Leci Borges (org.). *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*. Vol. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.